



ENTREVISTA

com
Prof. Dr. Raul de Souza Püschel

Por:

Charles Borges CASEMIRO¹
Ana Luiza Gerfi BERTOZZI²

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Charles Borges Casemiro e Ana Luiza Gerfi Bertozzi)

O entrevistado desse número da *Revista Metalinguagens* é o escritor e Professor Doutor Raul de Sousa Püschel: poeta, prosador, doutor em Comunicação e Semiótica, professor titular aposentado do IFSP-SPO, além de muito mais que ele vai nos contar. Assim, para começarmos a nossa conversa, gostaríamos de abandonar um pouco esse tempo presente da segunda juventude do nosso entrevistado, para podermos revolver a terra do passado e vasculharmos um pouco mais de suas memórias como professor e como pesquisador. Desse modo, perguntamos: o que, em sua primeira juventude, o aproximou das Letras, tanto em sentido profissional, quanto

1 Doutor em Letras – Programa de Literatura Portuguesa – pela Universidade de São Paulo; Mestre em Letras – Programa de Literatura Comparada – pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisador do Grupo de Estudos de Literatura de Autoria Feminina (GELAF-USP); Pesquisadora do Grupo de Estudos de Linguagem do IFSP (GELIF-IFSP). Editor Chefe da *Revista Metalinguagens* (IFSP-SPO). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo / *Campus* São Paulo. E-mail: <charlescasemiro@ifsp.edu.br>.

2 Mestra em Letras – Programa de Literatura Portuguesa – pela Universidade de São Paulo; Graduada e Licenciada em Letras/Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo / *Campus* São Paulo. Pesquisadora do Grupo de Estudos de Literatura de Autoria Feminina (GELAF-USP). Editor Assistente da *Revista Metalinguagens* (IFSP-SPO). Docente da Rede Privada de Ensino no Estado de São Paulo. E-mail: <anabertozzi@gmail.com>.

em sentido afetivo? E, de modo mais direto, o que, sob seu olhar, o levou a escolher a graduação e a licenciatura em Letras?

Raul de Souza Püschel

Desde muito novo, sou alguém fascinado pela ficção. Lia, até doze anos, muitas histórias em quadrinho (HQs), além de outros livros. Como andei deixando de lado, nos primeiros anos do ginásio, as minhas lições de matemática, uma hora o menino de então resolveu cortar as HQs, assim como o adulto que tomava duas garrafas de café e, por decisão voluntária, suspendeu a nobre bebida. Nesse último caso, o fator saúde pesou. Depois dos doze anos de idade, limitei-me, assim, aos livros. No entanto, há poucos meses (por que não? Agora eu posso!), comprei um exemplar de *O fantasma*, um antigo gibi de meus tempos de infância. Da época de doze ou treze anos, lembro-me ainda de ter escrito duas peças que ficaram perdidas e sumidas para sempre, bem como, em parceria com um amigo de infância, uma novela chamada *As aventuras do maestro Heitor González*, que nós mesmos datilografamos, fizemos vinte e seis cópias com o emprego do mimeógrafo, um antigo aparelho anterior à xerox, encadernamos e vendemos. Coisa de criança, mas já é, para mim, um passado literário.

Assim, a literatura sempre esteve presente na minha vida, tal como também os jogos de futebol na adolescência. Estes últimos foram perdendo a força, principalmente a partir da vida de adulto. Limitei-me a ver os jogos do meu time, o Santos, e um ou outro jogo a mais. A partir daí, sempre foram muitas horas de leitura por semana e uma boa quantidade de aulas.

Gosto bastante de língua e de linguística, mas o que me dirigiu às Letras, no fim das contas foi a Literatura. Cursei, por exemplo, cinco cadeiras de Morfossintaxe e três de Fonética e Fonologia. Tive, assim, uma professora de línguas na graduação que se surpreendeu, quando viu que eu iria estudar algo mais ligado à literatura e às artes, pois ela me achava muito interessado pelo estudo de língua vernácula. E não só isso, cheguei a cursar Linguística também. Aliás, fui e

tenho sido um sujeito que, de um jeito ou de outro, sempre, sempre exagerou. Cheguei a cursar simultaneamente três graduações ao mesmo tempo: Linguística e Francês na USP de manhã, Filosofia na USP à tarde e Português à noite na PUC-SP, até ter uma estafa tremenda, logo após um seminário muito bem preparado sobre o pensamento de Sartre. Passava às vezes dois dias sem dormir naquele tempo. Por que tal exagero? Um absurdo sonho quase fáustico de conhecimento (Ah! Meu Deus!).

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Charles Borges Casemiro e Ana Luiza Gerfi Bertozzi)

Depois de concluída a sua graduação e a sua licenciatura em Letras, que rumos tomaram seus estudos e suas pesquisas e, nesse sentido, como se deu a sua trajetória pelo mestrado e pelo doutorado em Semiótica, tendo em vista que os seus próprios trabalhos e os seus próprios temas de pesquisa na pós-graduação denunciam, desde então, sua vocação para a teoria, para a história e para a crítica literária? Nesse sentido, como você vê a aproximação entre estudos de Semiótica e estudos de Literatura em sua trajetória como profissional das Letras?

Raul de Souza Püschel

Terminada a graduação, comecei o mestrado, mas vinha de um esgotamento mental terrível. Ao ler algo nessa altura dos vinte e dois anos – por exemplo, um simples jornal – era como se eu tivesse o fôlego de um maratonista totalmente sem forças para seguir adiante. Assim, tive de abandonar a primeira tentativa de mestrado e comecei a dar aula. Muitas aulas. Minhas leituras passaram a ser as que envolviam as atividades de preparação docente e, paulatinamente, fui retomando as de poesia lírica, que permitiam, àquela altura, pegar um texto aqui e outro acolá. A lírica foi minha paixão por anos, diga-se de passagem. Só aos vinte nove anos e meio é que pude retomar o mestrado e, como um furacão, fiz, em um semestre, quatro disciplinas: Semiótica da Literatura I, Semiótica da Literatura II (sobre o mito, a poesia e a poética da Grécia

clássica), Semiótica da Cultura e Lógica: Ciência e Epistemologia. Já era outro. Vivia amplamente os estudos. Era um grande prazer. Acabei redigindo uma dissertação cujo título era *Intransitividade e transitividade: Mallarmé, Drummond, Cabral*, sobre a influência de Mallarmé na poesia brasileira, do simbolismo ao concretismo, com destaque às marcas do poeta francês sobre parte do trabalho de Drummond e João Cabral. Usei para tanto a teoria presente na chamada tetralogia da influência de Harold Bloom, o que era uma novidade no Brasil. No doutorado, por sua vez, estudei a ensaística de Haroldo de Campos, sob um prisma que chamei de palimpséstico e civilizatório. No entanto, creio que minha ânsia de tudo estudar fez com que abrisse em demasia o meu recorte. Ou seja, o doutorado serviu, principalmente como uma ampliação sem limites. A tese foi boa, porém poderia ter sido mais precisa em sua acurácia se eu me focasse em um objeto menos semovente. Aí pequei pelo excesso. Abriram-se caminhos vários em termos de leituras e conhecimento, todavia deveria ter ficado menos deslumbrado, não achando, então, que o céu era o limite: não precisaria ter estudado a poética de toda parte, da oral africana à de várias partes do Oriente. Devia menos ainda ter aberto o campo para estudos sobre teorias civilizatórias (sic), psicanálise lacaniana (sic - de novo!), poética da oralidade, poética e tecnologia, informação e tecnologia (sic – outra vez) e a literatura ocidental contemporânea de então. Lia quatro livros por semana e tinha fôlego para tudo. Estava plenamente curado da estafa e conseguia assimilar qualquer coisa, mas deveria ter-me limitado e concentrado em menos frentes. Entrementes, tal como diz Drummond, em “Resíduo”, “de tudo fica um pouco”... E vários resíduos foram produtivos no que faria nos anos vindouros.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Charles Borges Casemiro e Ana Luiza Gerfi Bertozzi)

Sabendo, pois, já um tanto de sua formação como docente e como pesquisador das Letras, gostaríamos de saber, também, como foi o seu ingresso na carreira docente e como esta



carreira e sua trajetória o conduziram ao vínculo profissional com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo?

Raul de Souza Püschel

Ministrei um breve curso de Redação mais como uma espécie talvez de estágio, sem qualquer vínculo trabalhista, na PUC em 1982. Comecei de fato a dar aula em 1983, aos vinte e dois anos, sem registro, em um curso supletivo, que pagava uma miséria, ou seja, algo que não era nem a metade dos vencimentos de um docente da rede estadual. Poucos meses depois, uma amiga me disse que precisavam de professor no Carlos de Campos. Lá trabalhei dois anos e confesso que nunca vi, em toda minha vida profissional, um corpo docente tão politicamente avançado e com ações pedagógicas tão consequentes. Fiz em 1985 concurso para a Escola Técnica Federal, sendo chamado no ano seguinte. Em 1986, passei em primeiro lugar na zona norte no concurso do Estado e isso me fez ser chamado por várias instituições e eu tive a opção de só aceitar aquelas que eu julgava interessantes. Assim fui docente sucessivamente do cursinho Etapa e do Colégio Rio Branco. Mais à frente, após o doutorado, por alguns anos ministrei algumas aulas no Centro Universitário Unifieo em Osasco, mas o meu carro-chefe foi sempre o que chamamos de Federal (Escola Técnica, Cefet e atualmente IFSP). Três décadas de Federal, ora como docente, ora como docente e coordenador, ora como docente e editor da revista Sinergia, ora como docente, coordenador e editor. Também tive iniciativa de reunir pequenos grupos para discutir poesia em pequenos bares e lanchonetes quando jovem. Ainda, no meio tempo, com vinte e poucos anos, ministrei gratuitamente um curso de poesia universal em uma espécie de centro cultural. Essas duas últimas atuações são prenúncios do que mais à frente seria o núcleo dos futuros cursos no IFSP de literaturas não vernáculas.



Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Charles Borges Casemiro e Ana Luiza Gerfi Bertozzi)

Entre outras ações, como docente do IFSP, você foi o idealizador e o primeiro coordenador do Curso de Letras do IFSP-SPO. Nesse sentido, gostaríamos que nos contasse como se deu a gestão desse Curso Letras e, do mesmo modo, como foi o trabalho de gestão desse Curso que, em suas marcas diferenciais, firmou-se como um curso nota máxima de qualidade, segundo a avaliação do MEC-INEP?

Raul de Souza Püschel

Anos antes do IFSP tornar-se CEFET, afirmei algo que pode ter passado despercebido, em uma assembleia do sindicato, de que nós um dia seríamos uma universidade e teríamos cursos superiores. Mais à frente, fui até nomeado para uma comissão que iria estudar a implementação de cursos superiores na Escola. Aí participei de poucas reuniões e meu trabalho foi bastante discreto. Na verdade, não nos tornamos uma universidade em sentido estrito, porém conseguimos alçar voos e hoje a instituição tem diversos cursos de terceiro grau. Foram surgindo várias graduações e licenciaturas e por anos lutamos para que houvesse a aprovação da licenciatura em Letras. Eu e meus colegas de área, alguns já aposentados e outros ainda na ativa elaboramos com muito cuidado um sólido projeto. Usamos todas as nossas forças. Mesmo assim, nada de o implementarem. Todos nós argumentávamos sem parar quando encontrávamos os quadros decisórios da escola. E esses deviam até pensar: “De novo a insistência!”. Há os que se interessaram mais e há os que não fizeram força, bem como os que se opuseram. Mas a perseverança foi grande. No meio tempo, a Escola pediu que os docentes criassem, para o curso médio, disciplinas diferentes, capazes de fazerem articulações entre saberes e áreas de conhecimento. Eu particularmente fui chamando outros docentes para pensarmos três novos projetos: “Formação de repertório e leituras da contemporaneidade”, “Artes clássicas” e “Literatura universal dos últimos

trezentos anos”. Tais disciplinas ou interdisciplinas permitiram, na época, plantar sementes principalmente do que seriam as oito matérias de Literatura Ocidental do Curso de Letras. Não tivemos medo de uma quantidade imensa de tarefas e demandas. Eu mesmo fui obrigado a acumular aulas, editoria da revista Sinergia e coordenação. Alguns de nossos colegas, como a Fátima Delphino e a Carla Fernandes Souto, assumiram cargos importantes, o que facilitou os diálogos. Para a aprovação do curso, tive que ficar dias quase sem dormir para fazer toda espécie de ajuste, correr atrás de papéis, reunir-me continuamente com os docentes, ir sem parar à biblioteca com o intuito de que nosso acervo pudesse estar à altura de nossas demandas em sala de aula, percorrer títulos sem conta. Retroagindo no tempo, parecia uma tarefa impossível. Quando veio a comissão do MEC, o esforço foi recompensado e ouvimos muitos elogios ao projeto que elaboramos e às ações que tomamos. Ao final, já aposentado, auxiliei o novo coordenador, o professor Charles Borges Casemiro, e os demais colegas de área, quanto às ações que confirmaram o reconhecimento do curso de Letras.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Charles Borges Casemiro e Ana Luiza Gerfi Bertozzi)

Tendo estado à frente das cadeiras de Literatura em Cursos de Letras, por vários anos, que papel você atribuiria ao aprendizado da teoria, da história e da crítica literária na formação de docentes de língua portuguesa para atuar no ensino básico brasileiro?

Raul de Souza Püschel

Sem o conhecimento da teoria, da história, da crítica literária, um professor não tem o devido embasamento para entender a literatura e sua rede de relações. Ou seja, saber o que é a literatura pressupõe verificar como uma obra reflete e refrata a realidade. Deve-se ainda entender como se produz a mimese, de acordo com cada momento histórico e de acordo com as percepções e valores de cada fase de uma sociedade e os vieses então adotados, bem como, de ou-

tro modo, compreender o trabalho em relação ao maravilhoso, e os procedimentos estilísticos escolhidos e que formam escolas de época e períodos literários. Também é fundamental saber relacionar a literatura às ciências humanas, assim como estar informado sobre as modificações tecnológicas e científicas que moldaram cada momento histórico. Deve o professor de literatura enxergar a rede de influências, compreender os mecanismos da literatura comparada e a formação do cânone em dado período.

Assim, o aluno, em sua formação, deve buscar sempre ler críticos importantes; acompanhar, na medida do possível, resenhas sobre lançamentos e relançamentos de obras consideradas relevantes; estudar com seriedade conceitos fundamentais da teoria literária e da estilística; ser capaz de relacionar a literatura a outras séries culturais; estudar a história da arte; tentar compreender o que há de mais significativo em cada momento histórico; tentar conhecer filósofos e nomes centrais das ciências humanas.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Charles Borges Casemiro e Ana Luiza Gerfi Bertozzi)

Considerando o Ensino Básico de Língua Portuguesa no Brasil, tanto das escolas públicas, quanto das privadas, que avaliação você tem do ensino de literatura nas escolas e, nesse sentido, se não é o ideal, como poderia ser esse ensino, conforme sua visão?

Raul de Souza Püschel

Vou inicialmente pensar em uma questão local. E vou me fixar na maior rede de ensino oficial do estado de São Paulo. De acordo com reportagem da Folha de S. Paulo de 3 de maio de 1996, se comparado o salário dos professores deste momento com os de 1963, ano anterior à ditadura militar, veremos que os vencimentos do magistério eram, então, em 1996, cerca de um quarto do que tinham sido. Depois disso, segundo a Apeoesp, se nos referirmos aos salários pagos entre 1996 e 2010, houve um achatamento, com a remuneração caindo de 3,6 para 2,4 salá-

rios-mínimos. Em termos mais recentes, a mesma Apeoesp aponta que, entre 2009 e 2025, o salário inicial do magistério cresceu cerca de 98,95 e a inflação do período foi de 145,2%. Percebe-se aí a perda acumulada. Aliás, quando comecei a dar aula na Escola Técnica Federal, um professor de matemática, que estava próximo de se aposentar, me disse que um professor por doze aulas, na rede estadual de ensino, chegou a ganhar mais do que um juiz, quando ele iniciara a carreira. Enfatizo de novo o que representam para o ensino tais perdas sobrepostas, entre outras que não levantei no começo desta resposta. A realidade da rede federal é um pouco diferente e não tão ruim quanto à da estadual, pelo fato de os docentes do IF e das universidades terem, em geral, maior titulação e uma carreira melhor, apesar das sucessivas perdas recentes, com zero por cento de correção durante os seis anos dos governos Temer e Bolsonaro, bem como falta de reposição da inflação em um dos anos do último governo Lula.

O quadro acima revela o sucateamento do magistério e, portanto, a falta de atratividade da carreira. Mesmo os locais que pagam melhor tem um ímã negativo a servir como exemplo e referência, ajudando a puxar para baixo a discussão salarial da categoria. Com tudo isso, é natural que parte significativa de jovens promissores que se dirigiam ao magistério busquem ocupações em outras áreas. Some-se a isso que a rede estadual de ensino, por ter piores salários, atraia menos educadores qualificados em geral do que as escolas particulares. Com pequenas diferenças, o que se nota em São Paulo pode ser visto em outras regiões do país.

A questão salarial já por si tem um aspecto negativo. A isso, podem-se acrescentar questões de falta de boas condições de trabalho, com inclusive violência contra o docente, o que hoje é muito mais comum do que no passado. Também a expansão da rede, que é algo bastante importante e significativo, por um lado, não veio acompanhada pela manutenção dos mesmos padrões de qualidade de ensino. Questões de acesso, de violência e de oferta de melhores condições de trabalho fazem com que as camadas economicamente menos privilegiadas tenham simultaneamente as piores condições de ensino.

O contexto torna-se ainda mais deletério quando se pensa que a carga horária dos cursos ligados ao magistério é menor, em sua maioria, que os de engenharia, direito, medicina, odontologia, dentre outros, por exemplo. Agrava-se ainda mais a situação, se pensarmos que o ensino a distância tem tomado de assalto a formação ligada aos cursos de formação de professores. Em vez de se pensar a EaD como ampliação e complementação ou de facilitação virtuosa de acesso, no caso de regiões muito distantes dos centros urbanos, concebeu-se a tecnologia recente como simples corte de custos. Assim sendo, tudo tem levado à fragilização do ensino da chamada formação geral, o que engloba o ensino de Língua e Literatura. Não bastasse isso, cada vez mais livrarias e editoras são fechadas, assim como as bancas de jornais e diversas publicações. Se, de um lado os novos meios permitem informações instantâneas, de outro as chamadas redes sociais são significativamente acríticas e, infelizmente, povoadas de informações falsas. O tempo de leitura é cada vez menos voltado para as questões analíticas e para as culturais e estéticas, o que é o pior dos mundos. Portanto, mesmo com maior tempo de escolarização média da sociedade, o resultado é negativo. A série de questões acima, entre outras, faz com que a educação literária seja prejudicada. Hoje há muitos universitários que simplesmente não leem, o que diminui a força automática que os anos adicionais de formação educacional paterna levariam para dentro de casa. Normalmente, em casas em que há livros e pais leitores, por tabela haveria maior quantidade de filhos leitores. Ou seja, a correlação que havia entre maior número de anos de ensino médio para a sociedade deixa de ser um fator automaticamente “atrator”. Com isso tudo, em vez da prevista ampliação da formação leitora, parece estarmos tendo, isso sim, uma diminuição de tal competência. Ao mesmo tempo, cada vez mais os livros de autoajuda e *best-sellers* vão ganhando espaço no total de obras procuradas e consumidas. Cada vez mais os jovens leem menos autores importantes do passado, bem como se cultiva com menor impacto a literatura mais consequente do presente. O quadro, potencialmente, poderia ser bem outro. Os quadros facilitadores que existem se perdem para condições deletérias a atrair para baixo. Talvez, no en-

tanto, os bons jovens leitores possam se valer das mesmas redes sociais, tornando-as menos nocivas. Já se veem alguns casos de pessoas preparadas com programas sobre alta literatura em canais no YouTube, por exemplo. Esse é um exemplo de como se pode fazer algo positivo para se ampliar o conhecimento de obras relevantes.

Eu me lembro de um livro escolar de minha infância chamado *Criatividade*, em que propostas da literatura experimental já estavam presentes. Eu mesmo já criei, preparei e dei aula para a quinta série com poemas de e.e.cummings. Também já trabalhei no Curso Médio Técnico com o *Lance de Dados*, de Mallarmé; com textos de Borges na rede estadual de ensino; com exercícios ortográficos no Carlos de Campos em 1983, em uma semana em que a televisão apresentava uma série de filmes de Hitchcock; criei um poema para tornar, em um cursinho, uma aula de concordância mais palatável, entre outras várias coisas. Outrossim, escolhia artigos e levava recortes de textos que poderiam auxiliar na preparação argumentativa de meus educandos, nas aulas de redação. Traduzindo em miúdos, um professor precisa seguir programas, mas tem de ser criativo. Não adianta jogar para o aluno um monte de folhas com um número imenso de exercícios de acentuação e achar que esgotou o assunto com isso. É claro que apresentações sistêmicas, em algum momento, devem ser apresentadas, mas isso não basta, pois afasta o educando. Alguns assuntos são mais espinhosos, todavia o áspero pode e deve ser contrabalançado com o prazeroso e lúdico.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Charles Borges Casemiro e Ana Luiza Gerfi Bertozzi)

Nesse momento em que está aposentado como Professor Titular do IFSP-SPO, que aproximações você entende que sejam possíveis manter com os cursos de Letras, de modo geral, e, pensando a partir dessas aproximações, em que sentido estas aproximações poderiam constituir uma contribuição recíproca, tanto para a qualidade dos cursos de Letras, quanto para a qualidade de vida dos docentes e pesquisadores mais experientes.

Raul de Souza Püschel

Depois de me aposentar, no primeiro ano, ainda continuei ministrando aulas de Literatura Ocidental em parceria com a Professora Carla Souto. No ano seguinte, ainda estive no Grupo de Pesquisa em Literatura e Estudos Culturais (GPLEC) e depois disso eventualmente tenho comparecido a uma ou outra atividade, como as de certas Semanas de Educação, Ciência e Tecnologia (SEDCITEC), e tenho publicado um ou outro texto em revistas que têm alguma ligação com a escola. Mantenho diálogo com vários colegas sobre questões linguísticas, culturais e, principalmente, literárias. Também, mesmo que um pouco menos, tenho mantido contato e falado de tais assuntos com ex-alunos. Sei que outros dos meus colegas aposentados, uns mais, outros menos, participam em certa medida da vida da Escola. A Suely Corvacho até tem atuado como professora sênior. Da mesma forma, minha experiência em torno do meu contato com a sala de aula e do trabalho corpo a corpo com o texto tem-me ajudado em certos pontos de minha atividade de escritor. Aliás, vários dos docentes, alguns aposentados, como por exemplo, o Paulo Frigério e a Suely Corvacho, e outros da ativa, como por exemplo o Charles Borges Casemiro, o Leandro Luz e o inesquecível Carlos Vinicius Veneziani dos Santos produziram coisas significativas na esfera cultural. O Charles como escritor e editor, o Leandro como escritor, e o Vini como músico e escritor. O GPLEC, por seu turno, é um grupo de estudos com investigações que estabelecem interações muito produtivas entre docentes e discentes do Curso de Letras. O José Luís Salmaso, por sua vez, faz silenciosamente uma busca das mais relevantes de obras e autores esquecidos do passado. Alguns dos nossos alunos, formados no Curso de Letras, fizeram novas graduações, especializações e até mestrados. A Ana Bertozzi, sempre muito dedicada, segue aqui, com o Charles na Metalinguagens. E, com certeza, tenho deixado de pontuar uma série de coisas e trabalhos interessantes de outros docentes e discentes. Tudo isso é mais uma ilustração do que uma lista completa. De qualquer forma, na verdade, tal trabalho amplo e variado estabelece uma relação

de troca e de aprofundamento do conhecimento e da vivência cultural. Soma-se a isso que o trabalho cultural e pedagógico nos faz sair de nós mesmos. É algo que permite a expansão de si rumo ao outro, rumo a outros tempos e espaços. É o experienciar em rede, em uma rede produtiva de relacionamentos.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Charles Borges Casemiro e Ana Luiza Gerfi Bertozzi)

Agora, mudando um pouco a rota. Como se não bastasse esta sua trajetória de excelência como docente e como pesquisador, você também construiu – e continua construindo – uma carreira como escritor. Nessa via, você se propôs ao público, primeiro, como poeta. Pensando nessa deliberação, como o professor e pesquisador Raul de Souza Püschel apresentaria ao público o poeta Raul Püschel?

Raul de Souza Püschel

A dissertação e a teoria nos permitem ver o mundo e desdobrar explicações sobre aquilo que nos surge à frente ou acerca daquilo que tentamos investigar e/ou descobrir. O ensaio, por sua vez, é a dissertação que vai batendo asas em direção à poesia. Nele, a ideia quer verter rumo à percepção do que surge instantaneamente como interessante, como sucedâneo da beleza. Já a poesia é o puro flagrar do instante, algo que esteticamente nos espanta. Desdobrando, de certa forma, uma célebre formulação de Ezra Pound, o poético deixa de ser mera concepção para se transformar em logopeia. Ou melopeia. Ou fanopeia. Às vezes, as três coisas se combinam. O poeta amplia a esfera do sensível, enquanto o filósofo problematiza o mundo. No limite, cada um trabalha a seu modo as dificuldades, as faltas de saídas, as aporias que nos cercam, nos momentos em que nos fletimos, em que “re/fletimos”.

O teórico Raul diria que a poesia do poeta, ou postulante a poeta, Raul é marcada pela busca de certos ritmos, de certas imagens, de certas concepções soltas, como o canto da calopsi-

ta de minha filha mais velha aqui em minha sala. A poesia voa, não se fecha, não se engaiola. Por isso, em vez de buscar rimas e metros fechados, busco, enquanto poeta, a formulação, o flash do instante. Aquilo que se flagra e se nota como estranhamento.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Charles Borges Casemiro e Ana Luiza Gerfi Bertozzi)

E, seguindo pela mesma esteira de raciocínio, sem perder de vista a face do escritor-crítico e do crítico-escriptor: como o professor e pesquisador Raul Püschel justificaria a guinada da carreira do poeta Raul Püschel para a carreira do prosador Raul Püschel? Por extensão, como é esta prosa produzida pelo romancista Raul Püschel?

Raul de Souza Püschel

Até uma certa época da minha vida, a poesia ocupava toda minha energia e pretensão enquanto escritor. Era inclusive mais leitor de poesia do que de prosa, no tempo livre. Entrementes, a vida segue adiante. Uma vez falei para uma antiga colega da então Escola Técnica Federal, que já inclusive faleceu, que escreveria um dia um romance. Na verdade, naquela época, devo confessar que falei um tanto da boca para fora. Algo adiante, listei e mostrei à minha mulher o que pretendia fazer à frente. Relatei, entre outras coisas, a ideia de escrever um romance também. Talvez tenha falado pela segunda vez da boca para fora, todavia um pouco menos do que na primeira ocasião. Mas o tempo passou e há coisas que germinam em nossa vida sem nos darmos tanta conta disso. E o tempo sempre passa e nossos planos se modificam, por vezes, germinando novas trilhas. Eu me lembro bem de que em dado momento me sentei e comecei a redigir em uma folha de sulfite. Foram algumas páginas... e o resultado nenhum. E tudo passou. Até que no final de agosto de 2018, no dia 30 ou 31, veio nitidamente o projeto de um romance. Ele se mostrava visível, inclusive sentei-me e comecei a escrever em folhas, que logo nas semanas seguintes seriam substituídas por dois outros suportes, um o já hoje tradicional computador. O



outro meio, muito mais evidentemente esporádico, foi o bloco de notas do meu celular, quando não tinha o computador a mão ou quando estava dirigindo e pedia para quem estava ao lado, geralmente uma das minhas duas filhas e menos usualmente a minha mulher, para anotar uma frase isolada ou uma ideia que me vinha à cabeça, que mais tarde eu iria trabalhar. Escrevi até o final de março de 2019. O livro, a que chamei de *Jonas e o tempo*, tinha como pano de fundo a realidade terrível por que o país então passava. A obra foi dividida em três partes: tempo do passado, que vai até mais ou menos 2005; tempo do presente, entre 2005 e 2029; e um distópico tempo do futuro, em 2030. Foi, dos romances que escrevi até agora, o mais experimental. Propositadamente, minimizei o uso dos chamados verbos *dicendi* (dizer, falar, perguntar, afirmar, responder etc), o que dava a velocidade que imaginei ao ato de contar. Submeti ao poeta, professor e editor Charles Borges Casemiro, que gentilmente o publicou. Tentei, pouco após, escrever um segundo romance, a que nomeei como *Nós somos humanos*. Comecei... Escrevi umas páginas, todavia o livro travou. Não foi à frente, pelo menos até certo momento. Naquela época estava lendo vários livros do Murakami. Li uma afirmação dele, não sei mais se em *Romancista como vocação* ou em uma entrevista de jornal, que romancista não era quem escreve um único livro. Isso martelou um pouco a minha cabeça. Bateu em cheio... eu que já tinha entregado os pontos. (Parecia, então, que minha aventura como romancista se limitaria a *Jonas e o tempo*). No entanto, algumas coisas permanecem na cabeça e, como é sabido, às vezes ressurgem e afloram por mecanismos imprevistos. No caso aqui, por meio de um sonho. Ou por meio de um sonho quase descontrolado. Eureka!... Era isso. Tinha o tema do próximo livro, o de um sujeito com uma memória fabulosa, a ponto mesmo disso lhe atrapalhar no dia a dia. Foi aí que pensei no romance não autobiográfico *Um homem; suas memórias*, que está sendo publicado agora. Eu terminei de redigi-lo, em julho de 2021, cerca de um mês e meio após a morte de minha mãe. O incrível é que em novembro de 2021 me veio a pergunta à cabeça sobre por qual razão não terminaria de escrever o abandonado *Nós somos humanos*. Após o término deste último, comecei a redigir

Surtos, epidemias e pandemias, que passou na frente dos outros em termos de publicação. Na sequência, durante a Copa do Mundo do Catar e os quatro primeiros dias do terceiro governo Lula, escrevi de modo intensivo o pequeno romance *Um livro. Uma copa*. Depois veio o livro *Retroceder*, que já está há um bom tempo com o início e o desfecho terminados, mas com o miolo, faltando apenas umas poucas páginas, travado.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Charles Borges Casemiro e Ana Luiza Gerfi Bertozzi)

Podendo pensar comparativamente: onde está a sua maior satisfação profissional: em sua carreira como docente e pesquisador de Literatura ou em sua carreira como escritor de Literatura? E, nesse sentido, para você, é possível separar, em lugares estanques, as duas aproximações que você construiu com a Literatura?

Raul de Souza Püschel

Tanto minha carreira como professor quanto a minha atual, a de escritor, são extremamente prazerosas. Se não tivesse sido docente, poderia ter sido escritor, entretanto não seria a mesma coisa. O magistério me ensinou segredos sobre o lidar com o texto. Ajudou-me a fazer leituras atentas, a ouvir melhor o que escrevo. E o que escrevi, até teoricamente, mesmo em uma função administrativa como coordenador ou outra como editor, permitiu-me enxergar de forma ampliada o ensino. Cada um tem suas especificidades, mas estão longe de serem estanques. Só lamento não ter escrito romances antes, por uma série de razões. Uma é que demora para furar uma espécie de bolha; outra é que meu trabalho como escritor teria ajudado ainda mais minhas atividades enquanto professor, principalmente de redação criativa, mas não somente. Isso teria sido trabalhado e vivido com maior largueza. Provavelmente seria produtivo o desafio de mostrar para mais colegas e mesmo para meus alunos os meus escritos. Minha mente estaria ocupada com as duas coisas com laços simultâneos e vivos. Olharia com maior cuidado ca-



da particularidade do que é trazido nos textos trabalhados em sala de aula. Em suma, minhas aulas poderiam ser melhores e talvez minha escrita igualmente. De qualquer forma, fui professor anos a fio e gostava do que fazia, assim como gosto hoje de escrever.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Charles Borges Casemiro e Ana Luiza Gerfi Bertozzi)

Professor, Pesquisador, Doutor, Poeta e Prosador Raul de Souza Püschel, a *Revista Metalinguagens*, em nome de seus leitores, agradece, imensamente, este momento de partilha de suas palavras e de sua trajetória. Muito obrigado.

Envio: Dezembro de 2025
Aceite: Dezembro de 2025.